

EDITORIAL

É com grande prazer que o Grupo de Pesquisa “Comunicação e Cultura: Barroco e mestiçagem” do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP apresenta o primeiro número da Revista ALGAZARRA.

A publicação está aberta a todos os pesquisadores, acadêmicos ou não, interessados no campo de relações que a área desdobra, do qual começamos a dar algumas indicações a seguir:

1. Não se podem entender os processos de comunicação sem a intervenção dos processos culturais e criativos que, por exemplo, na América Latina, se fundaram a partir de confluências intercivilizatórias mestiças e procedimentos barroquizantes;
2. Os objetos do continente não podem ser analisados apenas a partir das vicissitudes da ciência clássica, tendo em vista, em seu ambiente, a não separação (quer dizer, mediação) entre cultura e natureza, entre escrita e paisagem, entre signo e coisa;
3. Torna-se indispensável, portanto, a adoção combinada de modos de conhecimento que estão na base das nossas formas de encadear e incrustar as alteridades e os objetos (aquém do sujeito pretensamente uno e das lógicas binárias), tais como o pensamento ameríndio, o afro-mourisco e o próprio ibero-americano.

A presente edição contém sete artigos e uma resenha, que repercutem as tendências alinhadas acima.

Paulo Morgado introduz uma filosofia mestiça, em que se contempla o “terceiro incluído”. Maria Lúcia Jacobini trata da formação da imagem de Brasil a partir das obras de pintores do período imperial. Neide Aparecida Marinho expõe a presença das máscaras nos festejos da Folia de Reis.

Segue-se a pesquisa de Orlando Garcia, sobre “o jeito terena de ver TV”.

Mais três textos aprofundam os nexos entre arte e ambientes midiáticos: Silvia Marques mostra a Espanha híbrida dos filmes de Bigas Luna; Sônia Lanza fala dos corpos mestiços na arte e na mídia; Cibele Jorge contempla o rock barroco de Raul Seixas.

Fecha este primeiro número a resenha de Elaine Sklors sobre livro de François Laplantine e Claude Olievenstein, em que a cidade de São Paulo é vista por uma lógica das confluências entre dissonâncias e contrastes, não das alternativas de exclusão.

Amálio Pinheiro

São Paulo, setembro de 2012